

INDO ALÉM DO LOGOS

Luís Cláudio Ragioto*

Sempre gostei de livros. Talvez por isso, os sebos, mais que as bibliotecas, me dão muito prazer. É neles que me encontro com Cervantes, digo um oi para Eça e dou uma olhadela em Maquiavel. Meu primeiro livro, aliás, o primeiro, mesmo, ganhei aos doze anos. Faria uma cirurgia no pé esquerdo e ficaria, com certeza, alguns dias enfiado numa cama de hospital. Pedi então a meu pai um livro de Júlio Verne. Qualquer um, eu disse. E lá veio ele, com o *Vinte Mil Léguas Submarinas*. Eu não fazia idéia de que falava o livro, mas quantas viagens fiz com o Capitão Nemo e o poderoso Náutilus pelos sete mares!

Outro livro que li, já adulto, Foi o *Cazuza*, de Viriato Correia. Das várias pequenas narrativas que eu ali encontrei, a mais triste mencionava o primeiro dia de aula do menino Cazuza e sua decepção com a realidade escolar.

Eu não entendia. Afinal, a escola não seria o lugar do conhecimento? Hoje, ao mencionar estes dois livros, percebo que, se gosto de ler, sou o que sou, devo isso à escola, mas também devo muito à escolarização do dia a dia, muitas vezes, inclusive, mais importante que aquela.

E é disso que fala o livro de Antonio Carlos Gomes da Costa, Gilberto Dimenstein e Ricardo Semler: *Escola sem sala de aula* (coleção Debates, Papirus Editora, Campinas, SP, 2004, 140 páginas). Num estilo leve e agradável, os autores debatem sobre os rumos da educação brasileira e discutem as experiências de cada um com um novo tipo de escola: a escola sem sala de aula.

Pedagogo, escritor e consultor de desenvolvimento social e ação educativa, Antonio Carlos Gomes da Costa dirigiu uma unidade feminina da Febem em Ouro Preto (MG), foi oficial de projetos do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e da Organização Internacional do Trabalho (OIT), trabalhou como perito no Comitê dos Direitos da Criança na Organização das Nações Unidas (ONU), em Genebra, e participou da Redação do Estatuto da Criança e do Adolescente. Atualmente, é diretor-presidente da Organização de Aprendizagem *Modus Faciendi*. Gilberto Dimenstein é jornalista, membro do Conselho Editorial da Folha de São Paulo e comentarista da Rádio CBN. Faz parte do *board* do programa de Direitos Humanos da Universidade de Columbia (EUA) e criou a Cidade Escola Aprendiz. Além disso, é autor de diversos livros, como *Fomos maus alunos* (Papirus, 2003), em parceria com Rubem Alves, e *Quebra-cabeça Brasil: Temas de cidadania na história do Brasil* (Ática, 2004), em conjunto com Alvaro Cesar Giansanti. Ricardo Semler é empresário, presidente da Semco e idealizador da Escola Lumiar. Homem de espírito inovador, conta a sua experiência no mundo dos negócios no livro *Virando a própria mesa* (Rocco, 2002), traduzido para vários países. Empresário do ano por duas vezes (1990 e 1992), escreveu ainda crônicas para o jornal Folha de São Paulo e a peça de teatro *Cheque ou mate*.

O livro *Escola sem sala de aula* é construído em forma de diálogo, em que cada um dos participantes conta a sua experiência com um tipo de educação inovadora, em que a estrutura da sala de aula, como a conhecemos, é o menos importante. O interessante é que tais experiências não são apresentadas ordenadamente. Assim, o leitor que quiser conhecer todo projeto da Escola de Semler deve ler o livro todo. Da mesma forma, a Cidade Escola Aprendiz e a experiência de Antonio Carlos Gomes da Costa também são apresentadas em doses homeopáticas bem agradáveis ao paladar de qualquer leitor interessado em educação ou na melhoria das condições de ensino do País.

Inicialmente, o livro apresenta a Escola Lumiar. Nela, não há as salas de aula como conhecemos. Tampouco serão encontradas as classes divididas por faixa etária. Os alunos encontram-se com seus mestres (assim são chamados os professores) e com eles constituem grupos de 12 pessoas interessadas no mesmo assunto. Dessa forma, ensina-se a matemática montando-se uma bicicleta, ou a química trabalhando na cozinha. Tudo muito prático e com liberdade: se uma criança não quiser participar de uma aula, por exemplo, ele é livre para isso. Inclusive, essa liberdade é limitada por regras criadas pelos próprios alunos. Uma liberdade com consciência. Um fato curioso narrado no livro dá conta de um garoto que derrubou os livros na biblioteca intencionalmente e então foi criada a seguinte regra: quem derrubasse livros *ficaria dois dias sem entrar na biblioteca* (p. 69).

Mas a educação não fica ao deus-dará. O currículo é montado em *mosaicos*, ou seja, há um conjunto de temas que devem ser abordados e que vão variando conforme as necessidades da escola, levando em conta as necessidades dos alunos. Na escola tradicional, o currículo é unidimensional, apenas o *logos*, o conhecimento, é valorizado. Na escola de Semler, o currículo é interdimensional e pretende contemplar também as dimensões do *eros*, do *pathos* e do *mythos*, ou seja, *a dimensão do desejo, a dimensão do sentimento e a dimensão da fé e da relação com o transcendente* (p. 21)

Então, o que se quer formar na escola Lumiar é um adulto livre, que possa aprender sozinho, tornar-se independente, consciente e, principalmente, atuante. O nome Lumiar vem de *lumen*, o que supõe a existência do aluno, o indivíduo “sem luz”. Caberia à escola Lumiar ser esta luz, bem ao estilo iluminista.

Também no projeto Cidade Escola Aprendiz, que ocorre numa região da cidade de São Paulo, a liberdade é palavra de ordem. A iniciativa, idealizada por Gilberto Dimenstein tem como princípio que qualquer lugar, um beco, uma rua, uma praça, pode servir como escola a céu aberto e, por conseqüência, a aprendizagem não precisa ocorrer dentro de um espaço restrito, como é a sala de aula.

O livro deixa claro que o respeito pela liberdade na aprendizagem é muito forte. Dimenstein comenta um episódio que envolveu um beco em que ocorriam algumas aulas, mas que era ocupado pelos traficantes. Logo se iniciou um conflito, mas quando os traficantes perceberam que seus parentes também utilizavam o espaço para aprender, abandonaram o lugar. Hoje, o lugar é uma praça onde as crianças brincam e aprendem.

Já Antonio Carlos Gomes da Costa apresenta o projeto que desenvolveu quando trabalhou numa unidade da Febem em Ouro Preto, Minas Gerais, apesar de seu local de trabalho ser diferente dos demais, ter pouco a ver com o conceito de liberdade que conhecemos. Afinal, as meninas em situação de risco não estavam livres, se pensarmos a liberdade como alguém fora das paredes de um reformatório. Mesmo assim, tinham condições de aprender e escolher o que aprender. Também Antonio Carlos relata que a liberdade precisa de regras para ocorrer. Num episódio narrado no livro, menciona que as internas determinaram que houvesse regras de conduta, e em outro, relata que a relação dele com as detentas foi tão familiar, tão afetuosa que ele e sua esposa acabam por serem padrinhos de casamento de algumas delas, inclusive de seus filhos. Interessante aqui é observar o ideal feminino de vida: casar-se seria a realização máxima das internas. Mesmo num País como o nosso, em que a discriminação e o preconceito são evidentes, não haveria outras aspirações possíveis, apenas o casamento? E o emprego, a auto-suficiência, onde ficam?

O livro *Escola sem sala de aula* levanta ainda questões interessantes sobre a educação brasileira. Questiona o nível de atenção em sala de aula: hoje, não ultrapassa a sete minutos por aula e que este sistema escolar vigente, inaugurado durante o Iluminismo, estava fadado ao fracasso já em sua origem. Os autores concordam ainda que a escola não acompanhou o desenvolvimento tecnológico, pois apenas substituir a aula expositiva do quadro-de-giz por uma aula expositiva com computador e videocassete não satisfazem às necessidades do aluno, nem de um sistema que, de acordo com a própria LDB, diz valorizar a liberdade, cujos princípios “são a base da educação brasileira e têm como horizonte três objetivos: a educação plena do educando, a sua preparação para o exercício da cidadania e a sua qualificação para o trabalho” (p. 34).

Como ensinar liberdade, autoconfiança, autocontrole num sistema em que quarenta, cinqüenta alunos ficam um período inteiro sentados em cadeiras desconfortáveis, obrigados a decorar cada vez mais conteúdos, sem, contudo, ter os meios para praticar o que aprenderam? Como passar no vestibular, já que esta é a necessidade quase imediata de pais e, com certeza, também do aluno? Perguntas como essas surgem no decorrer do diálogo entre o jornalista, o pedagogo e o empresário. Ao tentar respondê-las, apresentam uma gama de exemplos de grandes homens e mulheres que fizeram a sua parte pela educação brasileira e mundial: Cristovam Buarque, Paulo Renato Souza, Paulo Freire, Seymour Papert, Mintzberg, todos grandes nomes no que se refere à educação.

Contudo, os autores não perdem seu chão. Sabem que estas iniciativas devem ser incrementadas para que se tornem não a exceção, mas parte definitiva do sistema. Sabem também que a educação no Brasil precisa mudar e que seus passos devem ser alargados. Acreditam que o caminho para essa revolução, nas palavras de Antonio Carlos Gomes da Costa, já foi dado. Agora é uma questão de tempo.

Por tudo isso, *Escola sem sala de aula* é uma obra sobre a educação brasileira e deve fazer parte da biblioteca de todos que se preocupem com o futuro da educação no Brasil e no mundo, daqueles que acreditam que a liberdade é a palavra de ordem para que a educação se torne a mola-mestra do desenvolvimento humano, político e social, e, sem dúvida, daqueles que querem uma educação que vá além da dimensão do conhecimento.

Todavia, apesar de *Escola sem sala de aula* representar a inovação, a vanguarda, é importante ressaltar que há uma contradição nas idéias apresentadas. A Escola Lumiar, cujo nome retoma os ideais iluministas, prega a liberdade, mas trata o aluno ainda como o indivíduo sem luz. A Cidade Escola Aprendiz e a *Modus Faciendi*, por sua vez, têm seus ideais voltados ao ensinar a fazer, não no ensinar a saber. Bem apropriado à sociedade capitalista brasileira que, embora administrada por um partido reconhecidamente de opção popular, mantém muito dos ideais neoliberais do governo anterior.

Ainda que haja algumas limitações e equívocos, a obra tem predicativos que, se bem compreendidos e aplicados de forma adequada,